



**SALA DE LEITURA**  
EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E AMBIENTAL



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E AMBIENTAL – PEC&A

VERSÃO PARA PÚBLICO

Público

ENSINO MÉDIO

MÓDULO 1b

## **MÓDULO: “IMPORTÂNCIA DA BIODIVERSIDADE PARA O CICLO DA ÁGUA”**

### **1. IDENTIFICAÇÃO DO MÓDULO: EM1b**

**TEMA:** (I) Fenômenos Naturais, Ecossistemas, Biodiversidade e Desastres Ambientais

**TÓPICO:** 1b - BIODIVERSIDADE

**MÓDULO:** Importância da Biodiversidade para o Ciclo da Água

### **2. ROTEIRO DE LEITURA**

**TEXTO 1: “Especialistas apontam soluções para garantir a qualidade da água no DF”.**

Leia o texto e reflita sobre as seguintes perguntas:

1. Qual o cenário de desmatamento no Cerrado?
2. Além do desmatamento, quais são outros fatores que têm causado desequilíbrio ambiental?
3. Quais estratégias têm sido pensadas no Brasil diante da crise hídrica?

# CORREIO BRAZILIENSE

## Especialistas apontam soluções para garantir a qualidade da água no DF

Na última reportagem da série que abordou a grave crise hídrica por que passa o Distrito Federal, estudiosos sugerem soluções para garantir a quantidade e a qualidade da água no Distrito Federal. No entanto, muito pouco, tem sido feito

Por Flávia Maia, 29/12/16.



"Ainda não cheguei a receber dinheiro pelo programa, mas, mesmo assim, gosto de participar porque vejo que faz diferença. Está tudo mais verdinho, até mais pássaros apareceram"

O ciclo das águas do cerrado passa por uma transformação preocupante, o que potencializa a crise hídrica. O excesso de calor e a mudança no regime de chuvas — cada vez mais esparsas — são realidade. Estudos apontam que o desmatamento de quase metade da área do bioma vem causando impactos. Os 48% perdidos de vegetação nativa contribuíram para o decréscimo de 5% na quantidade anual de precipitação, o que diminui a vazão dos rios e,

consequentemente, a oferta de água. “Nesta conta, estão de fora os efeitos climáticos globais. Se acrescidos, o volume de chuva pode diminuir até 30%”, alerta Henrique Chaves, professor de manejo de bacias hidrográficas da Universidade de Brasília (UnB).

É preciso frear não só o desmatamento como o crescimento desproporcional entre a quantidade de água consumida e a capacidade de recuperação dos rios; o assoreamento de importantes bacias, como a do Rio Araguaia, e a impermeabilização do solo — cerca de 90% da vazão do cerrado vem de água de lençol freático. As iniciativas de preservação e o gerenciamento de recursos necessitam ser implantados de forma ágil e mais compatível com a velocidade do grave quadro de crise hídrica que se desenha, sobretudo no Distrito Federal e no estado de Goiás. Entre as discussões estão a intensificação da participação da sociedade civil, a universalização do saneamento básico, a implantação da cobrança de água pelos comitês de bacias, o cumprimento dos prazos dos programas de Zoneamento Ecológico e Econômico (ZEE) e a maior capilaridade dos programas de preservação.

Entretanto, projetos e iniciativas apresentados têm sido mais morosos do que o alastramento da crise hídrica, parte pela burocracia, parte pelos conflitos de interesses. Na opinião de Júlio César Sampaio, coordenador do Programa Cerrado e Pantanal do WWF-Brasil, falta um pensamento mais conjunto. “No Brasil, as discussões são muito dicotômicas. Ou você é conservacionista ou é desenvolvimentista. É ruralista ou ambientalista. É preciso um ponto de equilíbrio, uma visão integrada com todos os atores do sistema.” Uma das principais apostas para o melhor manejo dos recursos hídricos é o ZEE. O documento trará um mapeamento dos locais em que as atividades econômicas causam menor impacto ambiental. Porém, a elaboração do documento e a posterior execução ainda são um desafio para os estados brasileiros. A diretriz nacional obriga todos a apresentarem o projeto até, no máximo, maio de 2017. Entretanto, apenas 11 concluíram os estudos, segundo Ministério do Meio Ambiente. No Centro-Oeste, apenas o DF não conseguiu entregar nenhuma parte da proposta. Neste momento, o ZEE-DF está em consulta pública e precisa passar pela Câmara Legislativa. Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul terminaram os planos e entregaram ao governo federal.

Outra solução urgente é a universalização do atendimento de água tratada e esgoto à população. A Organização Mundial de Saúde estima que, para cada US\$ 1 investido em saneamento, são economizados US\$ 4,3 em serviços de saúde. Com a crise financeira da administração pública brasileira, os investimentos vêm caindo no país desde 2014. Sem financiamento externo, as empresas têm dificuldade para melhorar a infraestrutura apenas com o uso da receita gerada pelas contas pagas pelo consumidor. “A população dá mais valor em pagar uma conta de celular do que uma conta de água. O dinheiro dá apenas para manutenção”, reclama Roberto Cavalcanti Tavares, presidente da Associação das Empresas de Saneamento Básico Estaduais (AESBE).